



BELKIS TRENCH

Relato de viagem aos não-lugares

**“No círculo interior do reino calcário
[das Imagens,
naquele ponto sutil onde o olhar da
[consciência
projeta, sem se perder um extremo
[fogo,
lá onde o nervo se desprende enfim
[do pensamento
que repousa
sabe Deus em que estratificações
[astrais
jaz a Morte
como derradeiro sobressalto
de um saber
cheio de transe
mas SUSPENSO”
(Antonin Artaud).**

Morte, saber cheio de transe, mas suspensos. Morte de tudo faço para negar seu conhecimento, controlo o quanto posso para que o teu corpo não tome asas no meu pensamento. Vivo como sonâmbulo distraído, esqueço que vivo e morro no movimento. Navego envolto e protegido em uma cultura que exacerba os mecanismos de controle obsessivos, iludido acredito que o navegar é preciso.

Imprecisa é a sua ausência: sonho com a morte quando estou distraído, lembro da morte quando ela acontece com o outro e não comigo, sinto a morte quando uma doença me atinge, evoco a morte quando estou deprimido, abatido, vencido, quando estou desistido. Tenho consciência que sou um ser para a morte mas este conhecimento foge de mim mesmo, incessantemente sou forçado a reaprendê-lo – “humano do humano” – lá no fundo de nós mesmos, “cada um no seu inconsciente está persuadido de sua própria imortalidade” (1).

Não há morte antes da morte, ou seja, não posso viver a experiência da morte antes que ela aconteça e, até prova em contrário, ela é única e intransferível, vivência primeira e derradeira. A morte é irredutível. Aproximo-me da sua vivência apenas por similitude: quem no seio de certas angústias, no fundo de alguns sonhos não conheceu a morte como sensação que despedaça e que não pode confundir-se com nada na lei do espírito ?

Antonin Artaud faz a pergunta e a seguir descreve a sensação de angústia e sonho, a angústia que resvala para o sonho, mais ou menos como ele imagina que a agonia deva resvalar e se consumir enfim na morte: “O medo que desaba sobre ti vai deixar-te esquartejado mesmo à medida do impossível, porque bem sabes que tens de passar àquele outro lado e nada em ti existe preparado para ele, nem mesmo este corpo, e sobretudo este corpo, que vais abandonar

Na página anterior, Tiana Soares, *Fora de Lugar*, 1997

1 Edgar Morin, *O Homem e a Morte*, Portugal, Publicações Europa-América, 1976.

BELKIS TRENCH é mestre em Psicologia Social e pesquisadora do Instituto de Saúde e do Nepaids (Núcleo de Estudos e Prevenção da Aids).

sem lhe esquecer a matéria, nem a densidade, nem a impossível asfixia” (2).

A gênese da angústia é o medo, e a gênese do medo é a morte, dupla sombra que acompanha todos os nossos movimentos, vigia de ronda alerta, é uma praga que se dissemina e contamina tudo o que dela se impregna. Temos medo não só da morte mas de tudo que possa “simbolizá-la, antecipá-la ou recordá-la: [...] temos medo do vazio e do infinito; do efêmero e do definitivo; do para sempre e do nunca mais... do esquecimento e de jamais poder deslembrar. Da insônia e do não mais despertar... da culpa e do castigo, do perigo e da covardia, do que fizemos e do que deixamos de fazer; dos medrosos e dos sem medo... temos medo do medo” (3).

Temos medo da morte, da vida antes da morte, e da vida depois da morte. Com medo de sucumbir ao medo, quotidianamente nos entrelaçamos na trama do espaço e do tempo. Que trama é esta, pergunta-nos Borges, do é, do foi e do será?

A TRAMA DO DRAMA DO TEMPO

Vivo as horas do meu tempo em três espaços iguais e diferentes: um passado que me faz gente, um presente que tanto se esvai como preenche e um futuro que vaticina a procrastinação de meus desejos. O tempo é o norte da morte do meu tempo, mas como posso confiar nele se a morte desconhece a noção de tempo?

“dez e cinquenta
dez e quarenta
dez e trinta
dez e vinte e sete
dez e dezessete
dez e sete
dez pras sete
sete e trinta
nove e dois
dois e cinco
e sete e nove
e cinco e três
e eu também” (4).

O acontecimento é mais do que certo, mas a hora incerta inquieta-me. Quem tem o poder de controlar a hora que lhe resta? Se fosse possível acessar o desfecho do drama do tempo o que você faria? E será que a sua vida mudaria? Como você a encararia? De longe? A meia distância? De lado? De dentro? Ou sem vista “e sentimento inexpresso de si mesmo, em vaso coberto”? (5)

A morte não é mais agora uma mera ruminação do pensamento, é um sonho desperto de um visionário destituído da estética poética. “Senhoras e senhores/ eu trago boas novas/ eu vi a cara da morte e ela estava viva” (6) e vejo que a cara da morte tanto pode ter a sua cara quanto a minha.

“Quando eu adoeci, com uma infecção oportunista típica da Aids, entre febre e o espanto de reconhecer em mim o chamado ‘mal do século’, imaginei logo que o meu problema dali para frente seria equacionar a minha morte. Não foi assim que se passou, embora eu ache que a tenha visto de perto, e tenha descoberto que morrer é mais fácil do que antes supusera. Confesso que a minha maior inquietação não foi responder a inefável questão de saber se há vida depois da morte. Percebi que a primeira pergunta a ser respondida é se há vida e qual, *antes da morte*” (7)

e só respondendo esta questão creio que é possível encarar a própria morte: a morte pode ser tudo ou pode ser nada, totalidade ou vacuidade do ser. “O nada era sem dúvida mais cômodo. Como é difícil dissolver-se no ser” (8).

A CORAGEM DE SER

Como você se sentiria tendo que responder aos apelos da mortalidade e ainda tendo que encarar e se responsabilizar pelo seu ser? Como você reagiria se, além de ter de enfrentar a sua morte biológica, você tivesse que reagir aos atentados de morte a sua identidade social e civil?

2 Antonin Artaud, *A Arte e a Morte*, Lisboa, Hiena Editora, 1993, p. 10

3 Marilena Chauí, “Sobre o Medo”, in *Os Sentidos da Paixão*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994, pp. 36-7.

4 Trecho do poema de Roberto Galizia, “O Tempo Passa”, in *Voracidade*, Ed. do Autor, 1982, p. 47.

5 Referência ao poema de Carlos Drummond de Andrade, “Como Encarar a Morte”, in *Corpo*.

6 Referência a uma canção de Cazuza.

7 Herbert Daniel.

8 E. M. Cioran, *A Tentação de Existir*, Lisboa, Relógio D’água, p. 185.

Tenho conhecido muitos doentes. Homossexuais ou não, o maior sofrimento por que passam é o que decorre do preconceito. É não poder ser um doente, é ter que ser estigmatizado, um aidético. É o medo das muitas invisíveis pressões sociais. É o pânico de não poder ter mais vida sexual e afetiva. É a constante presença de pessoas que parecem estar segurando a alça de seu caixão. É a invisível rede de opressões criadas pelo círculo familiar, às vezes por médicos, padres e até amigos” (9).

Viver da morte, morrer da vida é uma frase de Heráclito, e um saber suspenso em mistérios: decifra-me ou devoro-te é o enigma da esfinge e o drama que perpassa a subjetividade do portador do vírus HIV/Aids. Senhor da vida e da morte, a doença coloca em suspenso os andaimes do desejo: desejo o outro e tenho medo que o seu desejo tenha medo – a nossa sorte é que o desejo é maior que o medo da vida e da morte.

“Eu sou uma pessoa perigosa no mundo. Ninguém pode me beijar. Eu não posso transar. Se eu me corto, ninguém pode cuidar dos meus cortes, eu tenho que ir numa clínica. Tem gente perigosa porque tem uma arma na mão. Eu tenho uma coisa dentro de mim que me torna perigosa. Não preciso de arma. Basta me cortar” (10).

Perigoso é uma fala e uma obra – série de sete pranchas em nanquim – do artista plástico Leonilson. O primeiro desenho da série, uma pequena gota de sangue contaminado, tem “a identidade de um corpo de delito” (11). As demais mostram mãos, rosários, vidros de comprimidos. Alguns dos títulos: margarida, primula, lisiantros, copos de leite. O desejo é mais forte que a sua interpretação. “As rosas não falam, simplesmente exalam o perfume que roubam de ti.” Caio Fernando de Abreu entrega-se ao ciclo da vida plantando flores em seus jardins.

Nem sempre se vive “horas tão ideais em flóreos mundos vegetais” (12). Como vai seu jardim?, perguntam a Caio Fernando

de Abreu. Vai bem, responde ele... “mas jardins são exaustivos feito relações humanas. Tem que cuidar todo dia, regar, podar, arrancar erva daninha, expulsar caramujo do mal, formiga temática, pragas mais diabólicas que o vírus ébola. Um jardim mal cuidado fenece que nem amizade sem trato” (13).

As flores da avenida Dr. Arnaldo são um dos emblemas do enigma do “humano do humano” na cidade; de um lado da rua, o hospital Emílio Ribas; a sua frente, o cemitério e o velório do Araçá; entre eles, as bancas de flores do Araçá. Flores amigas, nos acompanham em todos os momentos da vida.

Fernando Piers, grande amigo. Dia 15 de abril está junto comigo na Casa das Rosas para o lançamento de um almanaque que eu organizo. Envia-me uma *corbeille* de flores. No dia seguinte, queixa-se de uma febre persistente, intermitente, indícios de infecção à vista. Exames de laboratório, biópsia de fígado. Resiste a infecção até o dia 12 de junho, dia dos namorados. Passo a noite entre flores de despedida no velório do Araçá. Escuto um desconsolo de outro amigo: o coquetel, para ele, chegou tarde demais. A “vida leva e traz, a vida faz e refaz” (14).

Todos nós detemos um saber sobre a morte, e cada um de nós carrega a sua própria morte. “Cada ser é o seu sentimento de morte” (15), daí encontrarmos-nos, como diz Cioran, em um terreno onde nenhum critério prevalece, onde as certezas se desfazem, onde tudo é certeza, porque aqui as nossas verdades coincidem com as nossas sensações, e os nossos problemas com as nossas atitudes.

Se pudéssemos falar da morte com o mesmo descaramento que encaramos tantos outros acontecimentos que fazem parte da nossa vida, talvez a sua cara não nos assustasse tanto. Provavelmente sofreríamos menos e não teríamos tanto medo do indefinido e do finito. Quem fala seus medos espanta e canta: “tudo o que duramente passa/ tudo o que passageiramente dura/ tudo, tudo, tudo não passa de caricatura/ de você minha amargura/ de ver que viver não tem cura” (16).

9 Herbert Daniel.

10 Entrevista de Leonilson a Lisete Lagnado, in *Leonilson: São Tantas as Verdades*, São Paulo, Projeto Leonilson/Sesi, 1995, p. 123

11 Lisete Lagnado, *Leonilson: São Tantas as Verdades*, op. cit., p. 54.

12 Referência ao poema de Andrew Marvell, “O Jardim”, in *Poesia Metafísica, uma Antologia*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 135.

13 Caio Fernando de Abreu, “Novas Notícias de um Jardim ao Sul”, in *Pequenas Epifanias*, Porto Alegre, Sulina, 1996, p. 142.

14 Referência a uma canção de José Miguel Wisnick.

15 E. M. Cioran, op. cit., p. 177.

16 Trecho do poema de Paulo Leminsky, “Sei Lá”, in *O Extranho*, São Paulo, Iluminuras, 1996, p. 25.